

CRÍTICAS HANS STADEN TEM FLUÊNCIA NARRATIVA; NO CORAÇÃO... É POUCO EMPOLGANTE



MERGULHOS NO PASSADO



No Coração dos Deuses, de Geraldo Moraes

Sergio Bazi
Da equipe do Correio

Aventura e História do Brasil se misturaram nos dois longas-metragens da quarta rodada da mostra competitiva. Exibidos na sessão de sábado, *Hans Staden* e *No Coração dos Deuses* resgatam episódios históricos com intenções e resultados bastante diferentes.

No primeiro, o diretor e roteirista Luiz Alberto Pereira teve a coragem de retomar uma história que já rendeu filme antológico, *Como Era Gostoso o Meu Francês* (1970), um dos melhores de Nelson Pereira dos Santos (com diálogos traduzidos ao tupi-guarani por ninguém menos que o legendário cineasta Humberto Mauro). Mas a primeira versão estava mais preocupada com a teoria antropofágica que o inspirava — e, por isso, o herói, transformado em francês, terminava sendo devorado ritualisticamente, como o próprio título antecipava com ironia.

Desta vez, a recriação do livro em que Hans Staden relata sua longa e forçada convivência com os índios Tupinambás no século XVI é mais fiel aos acontecimentos e ao gênero aventura (não, claro, no sentido hollywoodiano do termo). O choque cultural entre nativos e colonizadores euro-

Fotos: divulgação



Cena de Hans Staden, de Luiz Alberto Pereira: personagens bem delineados, trilha precisa e roteiro enxuto

peus nunca vai no esquematismo — pois não é possível agrupá-los como mocinhos e bandidos. Como no filme de Nelson Pereira dos Santos, os dois pontos de vista são respeitados.

Rodado em Ubatuba (SP), a mesma região onde o episódio transcorreu, o filme apresenta méritos ausentes em *No Coração dos Deuses*: personagens bem delineados, atores adequados aos

papéis, roteiro enxuto, fluência narrativa, trilha sonora utilizada com precisão e capacidade de envolver o público. Só faltou um pouco mais de energia dramática e explorar melhor o relacionamento entre o alemão e a índia.

O diretor e roteirista Geraldo Moraes também evita a aventura segundo a cartilha de Hollywood. *No Coração dos Deuses* está menos para *Os Caçadores da*

Arca Perdida, de Steven Spielberg, do que para *Aventureiros do Tempo*, de Terry Gilliam. Pena que o mergulho no tempo e no imaginário, misturando realidade e fantasia, seja tão raso e pouco empolgante.

Os aventureiros contemporâneos que (sabe-se lá por que) vão parar na época dos bandeirantes, em busca de um tesouro perdido, não conseguem fixar o especta-

dor. Entre trapalhadas e lições de vida (como no pueril diálogo entre um índio do passado e um jovem do presente, discorrendo sobre ouro e comida), o enredo segue aos trancos e barrancos, vítima de diversos furos do roteiro que desperdiça um curioso argumento.

Com *Tepê*, o brasileiro José Eduardo Belmonte mostrou que pode repetir o feito de *Cinco Filmes Estrangeiros*, que há dois anos faturou o Candango de melhor curta. Só que, aqui, contando com roteiro engenhoso e maior apuro técnico, o diretor vai além da piada e surpreende pela forma como desenvolve — com graça e imaginação — uma história insólita e original. O mínimo a ser dito sobre Belmonte é que está melhorando a cada novo trabalho.

Outro exemplo de inventividade e concisão narrativa foi visto em *3 Minutos*, da gaúcha Ana Luiza Azevedo, injustamente recusado pela comissão de seleção do Festival de Gramado. O roteiro traz a marca de um dos melhores curta-metragistas do país, Jorge Furtado (*Ilha das Flores*). E a direção consegue atingir o equilíbrio entre humor e amargura, investindo num clima de desencanto poético, necessário para mostrar o dilema de uma mulher indecisa entre abandonar ou não o marido.